

Posicione-se respondendo à pesquisa da APROPUC. Sua participação é importante para que afirmemos nossa posição frente a um acordo que tem por objetivo proteger as condições de trabalho na universidade.

PROFESSORES

Assembléia analisa proposta de novo Acordo Interno

Texto final deverá ser submetido a uma consulta aos associados à APROPUC

A assembléia dos professores realizada na quarta-feira, 28/3, fez uma análise do texto do Acordo Interno negociado entre APRO-

PUC, Fundação São Paulo e Reitoria. Antes da assinatura final, porém, o texto deverá ser submetido a uma consulta entre os professores associados à entidade. Nos próximos dias, cada associado receberá uma mensagem pela Internet, para que possa opinar sobre a decisão.

Os professores presentes à assembléia fizeram uma leitura do novo texto, concluindo que, se por um lado, ele contém uma série de perdas para a categoria, principalmente no tocante à estabilidade e gratuidades, há também uma série de avanços em relação à Convenção Coletiva do Sinpro, hoje em vigor na PUC-SP.

Os docentes lembraram também que a aceitação só teve sentido num momento como o que vivemos, de refluxo da categoria, mas que as conquistas que vigo-

ravam no nosso acordo denunciado deverão em breve ser retomadas.

Atrasos, carreira, avaliação...

Os professores também levantaram outras questões que vêm trazendo sérios problemas para a categoria. O debate com a Fundação São Paulo

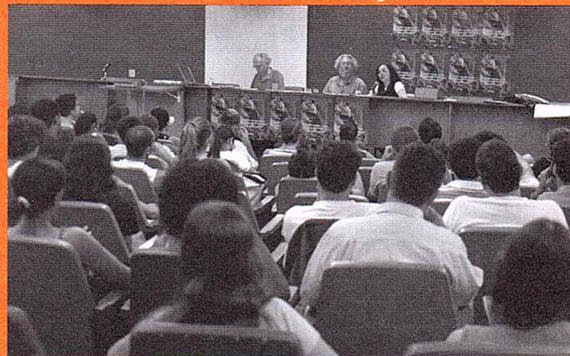
sobre os atrasos salariais deverá ser retomado nos próximos dias, exigindo-se da Mantenedora uma proposta para pagamento da dívida.

Outra grande preocupação refere-se à promoção na carreira docente. Alguns professores lembraram o “reprelamento” de suas promoções e os prejuízos que tal postura vem acarretando. A nova tabela de vencimentos, após a promoção ou ingresso na carreira, também foi lembrada como extremamente danosa aos docentes, além de ser ilegal do ponto de vista da Convenção Coletiva do Sinpro.

O processo de avaliação docente tem se constituído em outra pedra no sapato da categoria, pois atrasa a promoção docente e pode transformar-se num instrumento de retaliação numa conjuntura de crise.

A APROPUC deverá encampar essas lutas em suas próximas campanhas reivindicatórias.

Leia nesta edição



JULIA CHEQUER

Ato-Debate repudia os quatro anos de invasão do Iraque

Carta aberta a Dom Odilo

Queremos, primeiramente, cumprimentá-lo pela nomeação papal e pela coragem de aceitar o comando da Arquidiocese de São Paulo, que é importante e grandiosa, mas também repleta de desafios e de problemas. Torcemos para que tenha o olhar e a ação voltados para os mais pobres, os que sofrem, os que foram marginalizados e excluídos, os que estão sem esperança e sem perspectivas de uma vida melhor. Sabemos que a Igreja pode fazer a diferença, se quiser, nas lutas do povo. Que a sua gestão seja marcada pela redução das desigualdades e das injustiças.

Em segundo lugar, queremos saudá-lo também como o novo Grão Chanceler da PUC-SP, universidade que tem 60 anos de história e que conseguiu se firmar como referência nacional pela qualidade de seus cursos, pela inserção acadêmica nas demandas da sociedade, pelo espaço de liberdade e democracia e pelo compromisso mais profundo com os valores humanos e cristãos. Mas é bom que o senhor saiba – já que o seu nome está agora diretamente ligado à Universidade – que essa história gloriosa está ruindo rapidamente e corre sério risco de perder todo o brilho do passado.

A PUC-SP se orgulha de ter sido a primeira universidade brasileira a eleger diretamente pela comunidade todos os colegiados e cargos de gestão – inclusive de reitor (a) –, um avanço importante na

direção da autonomia universitária. A preservação dessa conquista é fundamental para que a bela história democrática da Universidade não seja jogada no lixo.

Ao mesmo tempo, temos a obrigação de verificar onde e como a Universidade errou – já que sua administração não foi capaz de evitar a crise financeira (mais despesas do que receitas), o endividamento junto aos bancos, o sucateamento das instalações e a violenta demissão de professores e funcionários. Tudo indica que as questões centrais que tornaram o orçamento inviável (inclusive a autopromoção salarial da casta dominante) ainda não foram atacadas. E nada indica que existe vontade política para isso. A crise prolongada e as medidas adotadas estão corroendo a imagem e o conceito da PUC-SP, com reflexo direto no vestibular e na queda de alunos matriculados. A sensação geral é de que abandonamos o modelo de universidade comunitária e adotamos o modelo mercantil das uni-esquinas, com as quais a competição é impraticável.

Não bastasse o que já sofremos nos últimos anos, com mais de mil funcionários e professores demitidos, a Universidade está sendo penalizada pelas trapalhadas, umas após as outras, o que dificulta qualquer plano de recuperação das virtudes, da auto-estima, do prestígio e do equilíbrio financeiro da instituição. De um lado, a Reitoria decide congelar os reajustes atrasados dos professores, o que é ilegal; de

outro, gasta uma fortuna no esquema de segurança terceirizado. De um lado, abafa e manipula o caso dos currículos falsificados; de outro, abre sindicâncias e processos (inclusive judicial) contra estudantes e centros acadêmicos por atos de protesto e festas no câmpus. De um lado, faz inúmeras exigências burocráticas aos professores e, de outro, nem se importa com o que acontece nas salas de aulas e nos laboratórios – onde, na verdade, está a realidade dos cursos, se dá a relação entre professores e alunos e de onde poderia ser reconstruído o futuro da PUC-SP. A maioria dos professores está sobrecarregada de trabalho, num ambiente propício ao estresse e outras doenças. Existe um misto de desânimo e de medo. Todos temem perder o emprego ou se tornar vítima de perseguição interna. O pomposo – e quase sempre arrogante – discurso da excelência acadêmica esconde privilégios, feudos e ralos financeiros – ainda intocados.

Como o sr. pode ver, Dom Odilo, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo está com problemas sérios. Gostaríamos que o sr. assumisse a função de Grão Chanceler sem ter que se preocupar com eles. Mas parece que eles vão persegui-lo.

Por isso mesmo, reiteramos os votos sinceros de uma profícua gestão no comando da Igreja de São Paulo.

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

SOLIDARIEDADE

Moções de repúdio às ameaças contra os CAs

Depois de terem recebido a notificação judicial advertindo sobre a realização de festas, os CAs divulgaram sua situação e receberam o apoio de diversas entidades, ex-estudantes da PUC-SP, professores etc. Assinaram moções de repúdio como a Associação Brasileira de Estudantes de Engenharia Florestal, Centro Acadêmico de Engenharia Florestal – UFLA, Diretório Central do Estudante – UFLA, CA de História da Faculdade de Guarulhos, Plenária Nacional Contra a Reforma Universitária e em Defesa da Educação Pública, Encontro Nacional Contra as Reformas do Governo Lula, ex-membros do CA 22 de Agosto, além de estudantes de diversas universidades, da PUC-SP e professores que ficaram indignados.

A moção que partiu da UFLA (Universidade Federal de Lavras) atestava:

“nos atuais tempos, ditos de liberdade... Reações como as da Reitoria da PUC-SP, que remetem aos tempos de ditadura, somente reforçam e explicitam a realidade do sistema de Educação atual... repressor, reacionário, mercantilizado e a favor de uma minoria elitizada, mostrando também que em nossos tempos o que menos temos é liberdade (de ex-

pressão... manifestação... escolha...). Tudo isso apenas reforça a necessidade de ações como as dos estudantes da PUC-SP, que denunciam estas contradições e posicionamentos... que tiram as vendas dos estudantes e da comunidade e expõem toda a carnificina gerada pelas instituições de ensino superior. Parabéns aos estudantes e CAs pelas atitudes”.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira

Fotografia: Fábio Nassif e Julia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Ato-debate reúne comunidade para discutir os quatro anos de invasão do Iraque

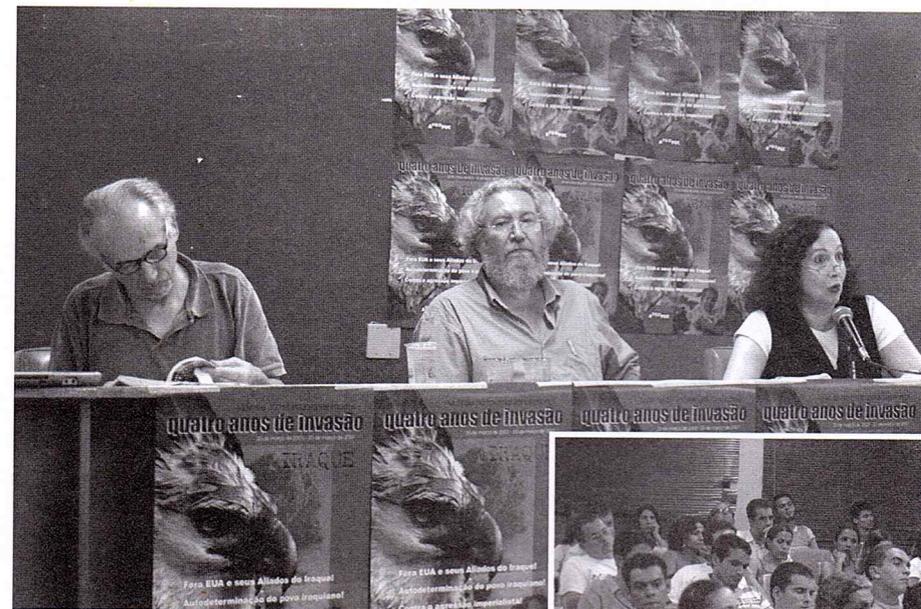
Na terça-feira, 27/3, uma atenta platéia lotou a sala 333 para participar do ato-debate promovido pela APROPUC enfocando a questão do Iraque. Desde o dia 20 de março de 2003, quando da ocupação estadunidense e inglesa do solo iraquiano, a APROPUC repercute o assunto, publicando textos, realizando debates e atos, participando de passeatas em defesa da autodeterminação do povo iraquiano e contra a agressão imperialista.

Desta vez, o ato reuniu os professores Maria Aparecida de Aquino, do Departamento de História da USP, Lucio Flávio de Almeida, do Departamento de Política da PUC-SP e, para coordenar a mesa, o professor Erson Martins de Oliveira, do Departamento de Artes da PUC-SP e diretor da APROPUC.

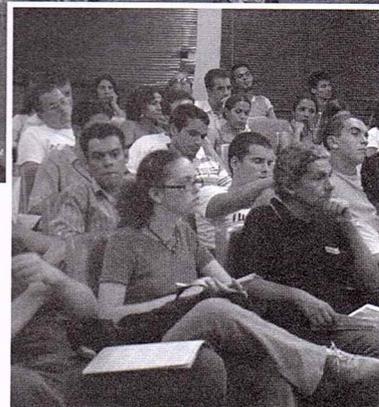
Ao iniciar sua fala, a professora Maria Aparecida de Aquino lembrou o caráter de luta da PUC-SP, neste período difícil por que passa a universidade. “O nome PUC significa resistência”, disse a professora, lembrando a heróica luta dos docentes e funcionários no início do ano passado.

Do início ao fim

Como não poderia deixar de ser, a historiadora Maria Aparecida de Aquino traçou um histórico do surgimento do Iraque como país, no início do século XX, até a recente execução de Saddam Hussein. A professora lembrou a trajetória de Saddam, que come-



A mesa do evento, que contou com a presença dos professores Lúcio Flávio de Almeida (esq.), Erson Martins de Oliveira (centro) e Maria Aparecida de Aquino (dir.). No destaque, a platéia do debate



FOTOS DE JULIA CHEQUER

çou a se destacar na política durante a década de 60, ocupando várias posições de destaque no partido Baath – de tendência nacionalista e socialista – até chegar ao poder, em 1979.

Durante todo o seu governo e até hoje, o Iraque viveu sob a destruição das guerras. A primeira contra o Irã, de 1980 a 1989, depois a do Golfo, nos anos 90, e novamente contra os EUA, a partir de 2003. “Pensem que, se a guerra acabasse agora, não se sabe quanto tempo seria necessário para reconstruir o Iraque”, comentou, ao recordar a reconstrução do Líbano após a guerra civil, entre 1975 a 1990, que apenas foi concluída no começo deste século.

O professor Lúcio Flávio observou que seria primordial a aca-

demia adotar como leitura os diversos teóricos da política externa dos EUA, que há muito traçam as estratégias de sustentação da posição imperialista daquele país. Para Lúcio, esse é um dos passos na luta mundial contra o imperialismo. “Hoje, mais do que nunca, a luta internacionalista é fundamental”, completou o professor, lembrando que, se o golpe contra Chávez na Venezuela tivesse alcançado a vitória, os EUA estariam com mais fôlego do que têm hoje e, talvez, a invasão do Iraque se sustentasse por muito mais tempo.

Ao final do ato, foi lido um manifesto redigido pela APROPUC contra a ocupação do Iraque. A íntegra do texto pode ser encontrada nesta edição.

Quatro anos de ocupação militar. EUA, fora do Iraque!

Bush, o que vocês fazem no Iraque é barbárie. Crime contra a humanidade! Vocês mentiram que Saddam Hussein escondia armas químicas e promovia um programa nuclear.

A verdade é que a ocupação foi um ato de prepotência imperialista.

Os EUA arrasaram o país, mataram centenas de milhares, mutilaram uma multidão de seres, provocaram brutal êxodo de iraquianos. E para quê? Para levar a paz? Para pôr fim à ditadura de Saddam? Para implantar a democracia? Para resolver a autodeterminação dos Curdos? Não, esses não foram seus reais objetivos. Mentiram com a cantilena de bons samaritanos.

Os EUA invadiram o Iraque por causa do petróleo.

Calcularam a importância estratégica do Oriente Médio. O nacionalismo do Iraque era perturbador. Como é perturbador o nacionalismo do Irã. É visível que o Pentágono já tem planos de guerra contra os iranianos.

A máquina capitalista está alicerçada no petróleo. As fontes de matéria-prima sempre foram alvos de guerra e dominação. Nenhum país, nenhum governo pode controlá-las em detrimento das multinacionais.

As potências governam por cima das fronteiras nacionais. Isso é o que chamam de "globalização". O mundo está sob o poder do gigantesco capital financeiro e dos monopólios industriais.

A crescente militarização mundial é consequência dessa realidade econômica. Ou o Iraque se submetia, ou enfrentaria a poderosa máquina de destruição dos EUA e aliados. Ou o Afeganistão se rendia, ou se veria com a mortífera tecnologia de guerra. Ou o Irã abaixa a cabeça, ou terá o destino do Iraque e do Afeganistão.

Mas as mentiras e falsificações de seu governo, Bush, vieram à tona. Em toda parte, mesmo nos EUA, a população está tomando consciência da barbárie que a burguesia monopolista vem praticando.

A resistência antiimperialista dos iraquianos chamou e chama atenção das massas exploradas. Expôs cruamente os objetivos colonizadores das potências. E demonstrou que pode vencer a parafernália bélica com heroísmo de todo o povo oprimido.

O comando militar da ocupação achou que, com a tomada de Bagdá em 9 de abril de 2003, a guerra iniciada em 20 de março daquele ano estava ganha. As câmeras repetiram e repetiram o espetáculo da derrubada da estátua de Saddam Hussein. Um símbolo da vitória dos invasores, frente ao exército iraquiano espatifado.

No entanto, a insurgência cresceu e a vontade de ferro dos combatentes emergiu dos escombros. Ganhou terreno. A luta antiimperialista no Iraque se nutre do ódio das massas oprimidas do Oriente Médio e de outras partes do mundo à opressão exercida pelos EUA. A História dá mostras de que o imperialismo pode ser derrotado. Não foi o que o Vietnã mostrou?

Em 20 de março de 2007, a guerra completou quatro anos. Vocês, Bush, pensaram que o povo arrebatado por suas bombas, patrulado por 120 mil soldados, fustigado pelos tanques e invadido em suas casas por marines iria logo ceder aos encantos de um novo governo, de uma nova Constituição e de promessas futuras. Quatro anos de combates diários.

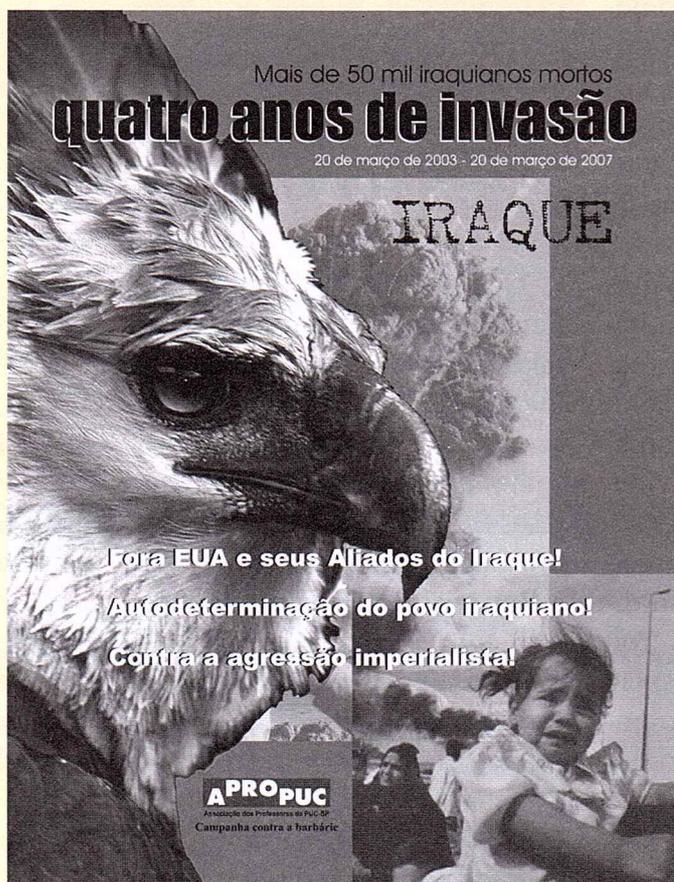
Não faltaram esforço político e corrupção por parte do governo fantoche para dissolver a insurgência. Organizar a traição nas fileiras da resistência. É com isso que conta o governo George W. Bush. O Iraque está dividido entre xiitas, sunitas e curdos, de acordo com as regiões petrolíferas. A feudal burguesia iraquiana vem sendo organizada para administrar a riqueza petrolífera de acordo com os interesses das multinacionais e controle das potências.

Ao povo iraquiano, é fundamental a derrota do imperialismo, para alcançar a autodeterminação e acertar contas com a oligarquia pró-imperialista. Aos povos oprimidos do mundo, é necessária a derrota dos EUA e de seus aliados para combater as tendências bélicas do imperialismo que ganha terreno contra a humanidade, encarnada pelas massas trabalhadoras.

Viva a resistência do povo iraquiano!

Fora os EUA e seu aliados do Iraque!

O texto acima foi lido e aprovado durante o atestado "Quatro anos de invasão do Iraque", realizado na PUC-SP na terça-feira, 27/3.



Conselheiros pedem diálogo entre Reitoria e estudantes



JULIA CHEQUER

Conselheiros debatem a notificação enviada pela Reitoria aos Centros Acadêmicos

Na sessão da quarta-feira, 28/3, o Conselho Universitário teve como questão mais polêmica a notificação judicial enviada pela Reitoria a seis Centros Acadêmicos do câmpus Monte Alegre, advertindo-os sobre a realização de festas na universidade.

Tanto a reitora Maura Vêras quanto o vice-reitor comunitário João Décio Passos afirmaram que a decisão não foi exclusiva da Reitoria, mas sim tomada em conjunto com os vicediretores comunitários. João Décio afirmou que “não precisaria entrar nos detalhes sórdidos das festas”, mas apontou que elas causam problemas não só à universidade, como ao entorno do câmpus, constituindo-se desta maneira em questão judicial.

Já a conselheira discente Jaqueline Nikiforos lembrou que a notificação é um claro ato de perseguição política aos estudantes, pois o mesmo movimento que promove as festas luta por bolsas e inclusão de inadimplentes na universidade.

Os estudantes fizeram circular entre os conselheiros um anexo da notificação, que incluía uma série de outros documentos encaminhados pela Rei-

toria à Justiça. No volume estavam anexadas fotos de textos, panfletos e de alunos durante o evento na Prainha (tiradas, segundo os estudantes, por seguranças da Graber).

Diálogo

Os conselheiros, de uma maneira geral, encaminharam suas falas para uma tentativa de diálogo, em que as partes pudessem chegar a um acordo. A conselheira Ana Bock lembrou que, se os estudantes romperam com um pacto ao realizarem a festa, a Reitoria rompeu outro, ao entrar com uma ação judicial e divulgar um “panfleto” via Internet à comunidade. “Não interessa chamar o juiz ou a polícia para dentro do câmpus. É preciso fazer-se um esforço para romper o desgaste das relações”, disse a professora.

Ao final da sessão, foi encaminhada por consenso a formação de uma comissão para estabelecer um diálogo entre Reitoria e estudantes. Enquanto as conversações estiverem em andamento, a Reitoria se comprometeu a não levar adiante a ação judicial, caso os estudantes se comprometessem a não realizar festas.

Promoção de “represados”

O Consun homologou a inclusão ou promoção na carreira de 11 professores “represados”, ou seja, que concluíram as condições para ascensão na carreira, mas foram barrados pelas medidas emergenciais editadas em 2005.

No primeiro lote de professores, que mudariam de condição em 2005, constavam 87 nomes. Esses professores deveriam ser aprovados pelas respectivas comissões de avaliação docente de cada unidade. Porém, segundo a vice-reitora acadêmica Bader Sawaiá, somente 11 preencheram todos os requisitos exigidos pelos conselhos. Em abril, os demais professores deverão apresentar toda a documentação ao Cepe para a sua devida promoção.

Os conselheiros negaram provimento ao recurso impetrado por um funcionário do câmpus Marquês de Paranaguá que, dispensado sem justa causa, pedia sua reintegração à universidade.

Foram aprovadas também as normas das eleições deste ano para Chefes de Departamento, Coordenadores de Curso e de Programas de Pós-Graduação e Representantes docentes nos conselhos.

Rola na rampa

Professor da PUC-SP é acusado de plágio

Em matéria da *Folha de S. Paulo* do dia 28/3, o professor da Faculdade de Direito da PUC-SP Marco Antônio Marques da Silva foi acusado pelo professor David Teixeira de Azevedo, da USP, de apresentar como sua uma obra escrita em inglês por outro professor da Universidade de Virgínia, nos EUA. Marco Antônio é um dos advogados que disputam a mais recente vaga de professor titular de Direito na USP. O professor respondeu ao jornal em uma longa carta, distribuída também aos professores da Faculdade de

Direito. Nela, Marco Antônio afirma que as alegações apresentadas contra ele podem ser qualificadas como "meras coincidências quanto a fatos históricos". Para o professor, não deverá haver prejuízo no resultado do concurso, pois o artigo em questão é somente um dentre os 27 citados no seu memorial. Ouvida pelo *PUCviva*, a vice-reitora acadêmica Bader Sawaia disse que a Reitoria vai averiguar cuidadosamente o currículo Lattes do professor e, caso encontre problemas, irá se pronunciar nos próximos dias.



DIVULGAÇÃO



Acima, a mesa do evento, organizado por mais de 50 entidades; ao lado, uma apresentação musical em meio às discussões políticas

Solidariedade a Cuba na PUC-SP

No sábado, 24/3, realizou-se na PUC-SP a Primeira Convenção Paulista de Solidariedade a Cuba. O evento foi organizado por cerca de 50 entidades. Entre as resoluções do Encontro estão ações contra o bloqueio econômico a Cuba (entre elas esclarecimentos por

meio de publicações sobre a resolução da ONU contra o bloqueio); o reconhecimento no Brasil dos profissionais que se formam em Cuba (especialmente os ligados às áreas médicas); e moções de apoio à libertação dos cinco patriotas cubanos presos.

Encontros debatem as reformas de Lula

No dia 25/3, em São Paulo, mais de 5 mil trabalhadores e estudantes estiveram no Encontro Nacional Contra as Reformas do Governo Lula. Também marcaram presença membros de entidades, partidos e movimentos sociais de todo o Brasil, além de representantes da Bolívia, Haiti e da

América Latina em geral. Já no dia 26, os estudantes realizaram a Plenária Nacional Contra a Reforma Universitária e em Defesa da Educação Pública. Cerca de 1.500 deles estiveram presentes ao encontro. A reportagem completa poderá ser encontrada no próximo *PUCviva*.

Moção de Apoio ao MTST

O Centro Acadêmico Beneditos Paixão lançou nesta semana uma moção de apoio à ocupação João Cândido, realizada pelo MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto). Nesta ocupação estão mais de 500 famílias, num terreno em Itapeverica da Serra, que estava abandonado e agora pode servir como morada para milhares de trabalhadores. O CA afirma em sua moção que "nada traz mais disposição e alegria aos

membros deste Centro Acadêmico do que ver a força dos trabalhadores e trabalhadoras que se organizam e lutam por uma sociedade mais livre, justa e igual. O povo em movimento, levantando suas bandeiras e desafiando os poderes instituídos, é a prova maior de que 'eles' estavam errados, e a História não está nem perto de terminar. Somente com nossos esforços conjuntos conseguiremos vencer".

Estudantes ocupam Reitoria da Unicamp

Os estudantes da Unicamp ocuparam a Reitoria de sua universidade na terça-feira, 27/3. Eles reivindicam que as instâncias burocráticas da universidade se posicionem contra o decreto do governador José Serra, pelo reconhecimento dos representantes discentes no Conselho Uni-

versitário. Eles também exigem uma reformulação da política de moradia estudantil na Unicamp, que contemple ampliação, reforma e a saída da atual administradora. A primeira reivindicação já foi atendida, mas a ocupação continua va até o fechamento desta edição.